

AGÊNCIA DO PROGRESSO E TURISMO: INTERLÚDIO PAISAGÍSTICO PELAS LENTES DE MANOEL DANTAS

*PROGRESS AND TOURISM AGENCY:
LANDSCAPED INTERLUDE THROUGH THE MANOEL DANTAS' LENS*

Sylvana Marques.ⁱ Gilmar Santanaⁱⁱ. Luiz Laibidaⁱⁱⁱ. Maria Lúcia Bastos Alves^{iv}.

Palavras-chave Resumo

Cultura.
Paisagem.
Turismo.
Fotografia.
Discurso.

ISSN

2594-8407

Revisado por
pares

Submetido
08/03/2021
Aprovado
21/05/2021
Publicado
15/06/2021

Neste trabalho aborda-se os processos culturais relativos a fundação e consagração, pela via simbólica e imaginária, de sistemas que resultam na sujeição dos indivíduos, construídos sob a dominação colonial europeia diante de seus anseios e projetos para emular em territórios outras paisagens que representam o modelo decorrente das relações sócio históricas sob o veio da modernidade. Todavia, sem que esses assujeitamentos, aos quais os indivíduos são submetidos em seus processos de socialização, pareçam existir enquanto dispositivos de dominação. Um dos representantes de destaque na reprodução dessa dinâmica na capital norte rio grandense, no início do século XX, foi o jurista e intelectual Manoel Gomes de Medeiros Dantas. Influente em seus discursos, apreendeu elementos dessa cultura hegemônica nas paisagens urbanísticas que fotografou acabando por incentivar a propagação desse conjunto cultural, simbólico, político e econômico em seus espaços de vivência, articulando-os na conferência proferida no ano de 1909, intitulada; *Natal D'aqui a cincoenta annos*. As paisagens são reproduzidas no local com base no modelo de civilização que universalizou uma modernidade expressa nas estruturas que configuram a ideia do progresso e do turismo. Além do material produzido por Manoel Dantas, analisa-se também textos de jornais da época apoiados em argumentos teóricos de autores marxistas, com ênfase na metodologia *regressiva-progressiva*, elaborada por Henry Lefévre (1977). Detecta-se nesses discursos subjetividades produzidas nos processos da ideologização dos modos de organização das relações econômicas, sociopolíticas e espaciais que motivaram a incorporação de inovações físicas na capital.

Keywords

*Culture.
Landscape.
Tourism.
Photography.
Discourse.*

Abstract

This paper discusses about cultural processes based on the foundation and consecration, through symbolic and imaginary systems that result in the subjection of subjects, built under European colonial domination in the face of their desires and projects to emulate in other territories landscapes that represent the model resulting from socio-historical modernity relations.

However, without these subjections, which individuals submitted in their socialization processes, appearing to exist as domination devices. One of the prominent representatives in the reproduction of this dynamic in the Rio Grande do Norte at the 20th century beginning was the Lawyer and Intellectual Manoel Gomes de Medeiros Dantas. Influential in his speech, he seized elements of this hegemonic culture in the urban landscapes he photographed, encouraged the propagation of this cultural, symbolic, political, and economic set in his living spaces, articulating them in the conference delivered in 1909, entitled; Natal D'aqui a cincoenta annos. The landscapes reproduced locally based on the model of civilization that universalized a modernity expressed in the structures that configure the idea of progress and tourism. In addition to de Dantas' production, we also analyses the newspaper from the period, supported by from Marxist theoretical arguments, with the focus on the regressive-progressive methodology, elaborated by Henry Lefévre (1977). There are subjectivities in these discourses produced in the processes of ideologization of the ways of organizing economic, socio-political, and spatial relations that motivated the incorporation of physical innovations in the capital.

INTRODUÇÃO

Natal/RN, vivenciou de forma entusiástica, por meio da sua elite, as reformas urbanas que pretenderam apagar quase por completo os vestígios do passado colonial (Arrais, 2006; 2009). Os discursos envolvidos faziam parte do paradigma civilizacional estruturado em nome do projeto de modernização da sociedade ocidental. Em seu bojo, trouxe a hierarquização das relações sociais, valorização da tecnociência, a produção de paisagens homogêneas, o avanço da circulação do capital e a legitimação das relações provenientes desse modelo econômico (Sevcenko, 2003).

As paisagens locais foram ressignificadas a partir da introjeção da cultura moderna, caracterizada nos anseios dos dirigentes da cidade considerada uma superação das zonas de sombras. Nas primeiras décadas do século XX, o imaginário presente nessa ideologia incorporava nas paisagens natalenses os símbolos do progresso, um dos mecanismos da construção nacional, já amparados nos embriões do turismo. Um destacado representante desse processo foi o Professor e Fotógrafo Manoel Dantas que alimentou esse discurso por meio de dois elementos estratégicos: a fotografia das novas paisagens da cidade de Natal e a conferência realizada no salão de honra do Palácio do Governo, em 21 de março de 1909, intitulada: “Natal D'aqui a cincoenta annos” (Dantas, 1909).

Ambos os elementos emergiam na ideia do progresso pautado em um ideal de construção de nação e na concepção de um futuro melhor. Esse contexto imputou uma narrativa de cima para baixo com inspiração biologizante, naturalista e evolucionista específica do ocidente europeu, que visava superar o que consideravam atraso centralizando os sentidos atribuidores da homogeneização das relações socioespaciais no âmbito da soberania e da dominação cultural criando um sistema etnocrático (Stavenhagen, 1985).

Fator que cria uma hierarquia e, também, uma corrida entre os países, em grande medida as ex-colônias das potências europeias, em direção ao aclamado progresso moderno.

As narrativas presentes nas fotografias e na conferência proferida por Dantas, conectam as paisagens aos sentidos cultuados na representação desse progresso material, cujo os modos de praticar os espaços e os hábitos constituídos exigiam instrumentais específicos de lógicas mestras com distribuição restrita entre distintos grupos sociais.

As estruturas paisagísticas configuradas na cultura moderna estabelecem o que Bourdieu (1983), define como distinções simbólicas. O que vem a firmar uma ideologia de classe, com intensificação e aperfeiçoamento de mecanismos de hierarquias e distinções sociais. Em suma, condições de existência expressas em propriedades e práticas produzidas pelo *habitus* (Bourdieu, 1983, p.82), configurados nos estilos de vida e gosto das classes sociais. Logo, os cenários berços dessa vertiginosa modernidade se impunham na (re)construção e formação dos olhares, agenciando imaginários paisagísticos dominantes com classificações, sintetizações e coordenações de objetos no espaço em acordo com o paradigma urbano ocidental.

As paisagens ícones construíram um convencionalismo que substituiu, e muitas vezes até negou, outras representações. Quando edificadas, estas invisibilizam o que não é central na ordem presente, promovem o domínio social do mercado compondo um amálgama entre objetividade e subjetividade articulado ao imaginário modernizador no qual o turismo surge como uma experiência incentivadora da civilização, visto às condições de mimese socioespacial que possui com consequências culturais, políticas, econômicas, sanitárias, psicológicas, entre outras. Herdeiro do *Grand Tour*, com privilégio a viagens para Paris e algumas cidades Italianas, no final do século XVIII, o turismo se consolida nos espaços modernos como atividade econômica cobiçada pelas classes médias melhor posicionadas.

Em Natal/RN, a burguesia local operou com os ideais em voga tendo como fios condutores as relações entre o progresso e a atividade turística, organizados por ideologias que aferiam o nível de civilidade que passava a definir as cidades, obviamente um paradigma unilateral. O modelo hegemônico incentivou a promoção de um tipo de consumo do espaço, ampliou para um grupo privilegiado um arsenal de sociabilidades normatizadas em espaços que se constituíram em palco do culto ao lazer. O passeio nas avenidas, as visitas a exposições, os cafés, clubes, as “main streets” e suas lojas, os espetáculos entre outros prazeres elaborados para serem experienciados nas zonas urbanizadas, constituíram-se em um tipo de laboratório privilegiado com as viagens turísticas (Corbin, 2001).

O projeto de uma nova Natal ancora-se nessas possibilidades, com o intuito de deixar para trás os traços coloniais e as paisagens rurais. As perspectivas de Dantas, incentivaram esses aspectos por meio de um interlúdio entre as ideias de progresso e de turismo. Debater o progresso em relação às perspectivas do turismo nas produções de Manoel Dantas é inédito e indica a estruturação da cultura hegemônica (Williams, 1979) em Natal, assumida pelo intelectual que convoca o apoio dos seus pares.

A PAISAGEM CIVILIZADORA: ARTICULAÇÕES ENTRE O PROGRESSO, A FOTOGRAFIA E O TURISMO

As paisagens apresentam-se como verdadeiros palimpsestos em que o presente redesenha as marcas do passado, na tentativa de imputar-lhe outros nexos. A reestruturação dos sentidos de uma paisagem, recobrem outras realidades e nega representações que não mais constituem padrões privilegiados. Assim, analisar e expor a produção da paisagem é “não somente caracterizar o espaço que vivemos em sua gênese, mas reencontrar, através do, e pelo espaço produzido, a gênese da sociedade atual” (Oseki, 1996, p. 111).

As mudanças estruturais do mundo moderno, ligadas a divisão do trabalho, ao advento da economia monetária, a racionalização das relações, entre outras dimensões, inscrevem-se no modo de vida urbano e chegam às cidades com intensidade e temporalidades distintas. As primeiras décadas do século XX, marcam o início dessas intervenções impulsionadas pela modernização no espaço urbano de Natal (Arrais, 2011). As crônicas da década de 1900, apresentam essa realidade se construindo de modo tímido, antes de tudo, no intento das classes privilegiadas que passam a avaliar os espaços da cidade como atrasados e apontam os hábitos existentes na população como rudes (Casculo, 1929).

Os meios de comunicação circularam propagando os critérios de uma urbe moderna. Um exemplo é o cartão-postal que, como suporte da fotografia, criou uma verdadeira revolução cultural ao revelar de modo otimista as imagens das cidades, divulgando as ideologias concatenadas ao progresso, ao consumo e ao desenvolvimento técnico. A elite abraçou com euforia essa forma de representação imagética uma vez que possibilitava a expansão de seus ideais. Com esse dispositivo as imagens do progresso em um mundo portátil, ilustrado e passível de ser colecionado se tornam acessíveis para parte da população, construindo imaginários que motivam o turismo (Marques, 2012).

Um arquétipo da realização urbanística é Paris. Esta cidade circulou nos postais como centro irradiador do progresso, da moda, do luxo e do consumo, tornando-se a capital do século XIX, sendo ela mesma o ícone do paradigma que colaborou na estruturação. Passou a ser “o modelo do viver urbano, da civilidade, do refinamento e da sensibilidade artística” (Arrais; Andrade & Marinho, 2008, p.46). Todos queriam poder estar em Paris. Porém, como todos não podiam estar lá, o ideal era reproduzir nas paisagens locais um pouco dos aspectos exuberantes parisiense. É indiscutível que nesse período a fotografia era a principal forma de reprodução imagética dos espaços parisienses. Nela o “progresso” do país era propagandeado no exterior e dentro do próprio território.

Um contraponto fotográfico no período foi o trabalho de Eugène Atget, que deixou uma obra de mais de quatro mil fotografias sob olhares de uma Paris “não turística, vendendo-as ao mesmo preço dos cartões-postais de sua época, final do século XIX. Seu foco revelava detalhes de coisas esquecidas, não percebidas ou perdidas, como pátios da cidade onde da manhã à noite se guardavam carrinhos de mão, mesas de restaurantes com pratos sujos não retirados, imagens vazias da vida pulsante de uma Paris cosmopolita (Benjamim, 1996). O valor da visualidade dos cartões-postais estava na face asséptica da modernidade. Becos com casas velhas, paredes com bricolagens de cartazes rasgados na frente de lojas fechadas, madeiras amontoadas em frente de casas em demolição, escadarias quebradas, bancas de

feiras com diferentes mercadorias populares, fachadas de vitrines de lojas e cafés sem glamour que só recentemente viraram um outro tipo de atração turística alternativa (Krase 2008). Esse outro lado da moeda contribui para pensar de que “Europa” se fala, que “Europa” se deseja e quem são os atores sociais que reproduzem determinados discursos.

No Brasil o grande modelo incentivador da civilização aos moldes europeus era a capital da república, Rio de Janeiro, seguida das capitais com maior poder econômico, como: São Paulo; Recife; Salvador; Belém e etc, que em determinados lugares buscavam inspiração, sobretudo francesa. As representações imagéticas dessas cidades constituíam a formulação ideológica da nação brasileira com símbolos do progresso (Daltozo, 2006). Nesse viés, “a autonomia da imagem fotográfica, permite transplantes de seus conteúdos para os mais diferentes e por vezes, inusitados contextos” (Kossoy, 2009, p. 76). Natal, sem ser exceção, formava suas primeiras paisagens urbanas com as reformas em sintonia com os conteúdos modernos.

Os políticos locais como forma de valorizar seus feitos recorriam aos fotógrafos para registrar cada novo espaço implementado. No ano de 1904, o governador Alberto Maranhão, solicitou todo o registro fotográfico dos principais espaços públicos da capital (Miranda, 1981). O caráter documental da fotografia revelava o objetivo de retratar a nova lógica (Baudelaire, 2007). Perdia-se de vista que seu uso era fruto de uma relação socioeconômica definida, “plenas de sutilezas metafísicas e melindres teológicos” (Marx, 2013, p. 204).

A dinâmica da paisagem favorecida pelas ações sistematizadas do governo constituía-se em um meio de sair da lógica colonial para tentar se implantar no âmago da padronização moderna. Compor o interesse pelos espaços internos, promover os deslocamentos, as viagens, etc., a fim de tonar-se parte de um mundo em constante circulação foi a representação dos discursos do seridoense Manoel Gomes de Medeiros Dantas (1867-1924), que cedo transferiu-se para a capital do estado. Bacharelado em direito pela faculdade de Recife, tendo antes, desenvolvido estudos em latim, francês, inglês, retórica, aritmética, geometria, história e filosofia, este ocupou estratégicos cargos públicos. Foi juiz e procurador geral do estado. Dedicou-se à remodelação do sistema educacional, ministrou aulas no prestigiado colégio Atheneu, a terceira mais antiga instituição escolar brasileira, escreveu contos e participou com assiduidade do jornalismo local, sendo redator *d’A Republica* (Lima, 2000).

E, como afirma, o arquiteto e estudioso das fotografias de Manoel Dantas, Miranda (1981, p. 10), “pelo amor ao registro dos fatos e das coisas da cidade que habitava e pela qual tinha o mais extremado afeto”, foi fotógrafo. A fotografia em Natal surgiu pelas mãos de fotógrafos itinerantes, os irmãos alemães Max e Bruno Bougard^v autores dos primeiros registros urbanos. Dos filhos da terra, Manoel Dantas é considerado o primeiro no ofício, e não é difícil supor que pela época que viveu em Natal, pelas relações que teve^{vi} e pelo interesse na fotografia se encontrou com Bougard. O que pode ter contribuído de modo positivo para o conhecimento e autonomia desempenhados por Dantas nos usos do equipamento.

No ofício de fotógrafo Dantas revela a cultura material de Natal que se modificava, com símbolos da chegada do progresso. Apesar de Miranda (1981), afirmar o amor e afeto de Dantas pela cidade, o seu registro empolgado captava justamente o que era (re)transformado

na cidade, ou seja, o seu afeto não estava nos espaços da cidade, porém, na projeção do que essa cidade poderia vir a ser. Suas fotografias até representaram a capital na Exposição Nacional, evento que marcou a história do país, organizado pelo Governo Federal e realizado entre os meses de janeiro e novembro de 1908, na Praia Vermelha do Rio de Janeiro, sendo uma vitrine mundial para as cidades.

Esse acontecimento celebrava o processo de inserção de todo o país em um modo de vida capitalista e cosmopolita^{vii}. A participação de Natal ocorreu, principalmente, com a apresentação iconográfica das paisagens realizadas por Dantas. Foram expostos cartões-postais e fotografias da capital. Sobre a importância do evento o jornalista Leopoldo Souza destaca:

Lá no magestoso certamen está o Brasil inteiro: o Brasil agrícola, industrial e o commercial. Lá também se porá a prova o nosso valor como povo de cérebro. Os nossos homens de letra, de mérito legitimo, farão jus á honra que lhes hão de tributar [...]. Nada faltará, na Exposição. Tudo atestará o nosso grau de cultura mental e a somma de recursos próprios que guardam as duas zonas^{viii}.

Ao se referir a diversos “Brasis” com ênfase na cultural material: do agrícola ao industrial, o jornalista manipula a realidade a partir da crença no progresso, cria uma “realidade imaginada”. Não há esses Brasis, em termos de progresso, no início da República Velha, fortemente marcada pelos vínculos das relações coloniais com influência do setor agrário e pela imposição do poder por grupos regionais restritos. Todavia, não é uma ficção, ao contrário, como afirma Harari (2017, p.40) a realidade imaginada parte de crenças compartilhadas que em sua persistência exerce influência nos espaços. A diversidade do Brasil estava em sua etnicidade silenciada e até eliminada diante de uma lógica moderna que colonizava as relações socioespaciais em prol da sua racionalidade, considerada como ideal para apagar as zonas de sombras do país. Nesse sentido, baseia-se na razão comutada pela versão hegemônica da tecnociência estruturada por um único caminho válido e legítimo de produção das relações a fim de superar atrasos.

Na Exposição Nacional, o protagonismo da técnica fotográfica na divulgação das paisagens e imposição de valores foi mister. Intrínseca aos meios de produção cultural da modernidade, sendo ela produto e meio de produção desse período, associada ao automotismo que caracterizava a Revolução Industrial e a precisão técnica na apreensão do real (Dubois, 1993). A legitimidade que conquista está envolta pela “crença da paralisação da vida e de reprodução fidedigna de um momento real” (Martins, 2009, p.29). O que garantia a cidade de Natal ser interpretada, a partir da sua iconografia, como espaço em processo de modernização.

Com a circulação das paisagens de distintas cidades, constrói-se o gosto por específicas paisagens e práticas que conferem valor tanto a cidade ofertada, quanto ao indivíduo praticante. Viajar e ter equipamentos atrativos para ser visitado torna-se *status*; nas notas dos jornais de Natal, enfatiza-se “essa ‘novidade’ divulgada pelos imigrantes e pela burguesia econômica que empreendia viagens”. Com esses elementos surgem as primeiras “centelhas” do turismo em Natal, que se organiza com mais ênfase após a Segunda Guerra

Mundial. Nesse período o discurso do turismo é reforçado como a terapia para as mazelas econômicas, o receituário foi prescrito pelo viés do desenvolvimento, a ponto de tornar-se o carro chefe da economia local até os dias atuais, sem, no entanto, ser efetivo na redução das desigualdades sociais locais (Marques, 2012, p.51).

O turismo é gestado a partir das grandes viagens educativas e culturais realizadas em diversos países, por filhos de nobres com o objetivo de completar os conhecimentos adquiridos em suas regiões natais. No final do século XVIII, quando esta prática já estava completamente consolidada, foi expandida para os filhos das classes médias formada por burgueses prósperos e emergentes do setor de serviços (Salgueiro, 2002, p. 292). Se traduz em uma soma histórica dos progressos das cidades, compostas pelos meios de transportes, os desejos por paisagens, os modos de vida citadino, entre outras vias imaginárias e simbólicas que tornam possível esses sistemas de sujeição, eufemizados. Em Natal, o progresso lança as possibilidades para as paisagens modernas do amanhã, como escreve Alessandro Ferreira (2006) em seu texto sobre “Natal: uma cidade para o futuro”.

O MÉTODO REGRESSIVO-PROGRESSIVO: PAISAGENS DO FUTURO DO PRETÉRITO

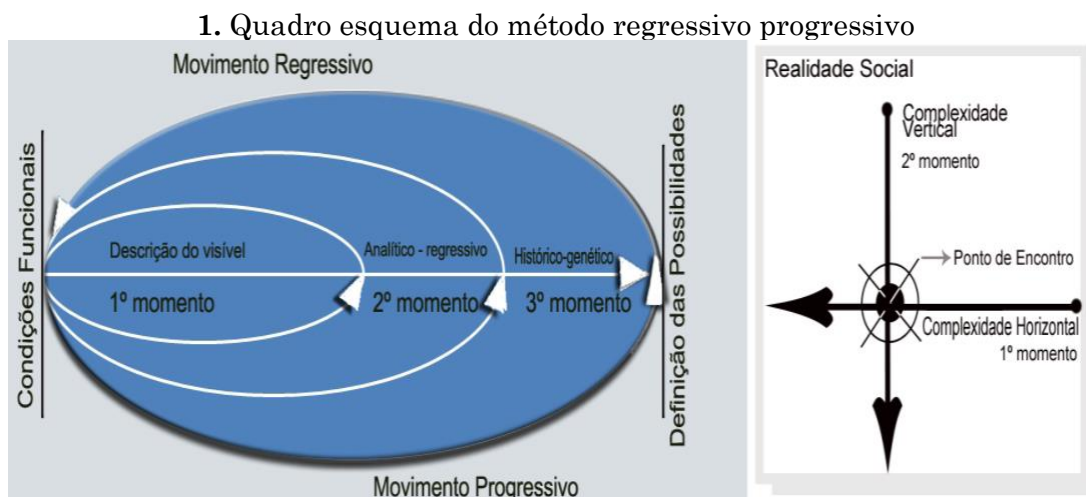
Mais de cinquenta anos, depois dos cinquenta anos projetados por Dantas, as dinâmicas empreendidas pela burguesia natalense nos espaços da cidade, favorecidas pelo imaginário do progresso em conformidade com os elementos produtores de paisagens concatenadas aos veios modernos, concretizaram-se no cotidiano da cidade e nas relações sociais de seus habitantes. Estão presentes na valorização de determinados espaços em detrimento de outros e na construção de novas visualidades paisagísticas para a cidade, apoiadas nos discursos amplamente difundidos pelo Estado e pelos setores econômicos no qual o turismo se constitui em uma das principais atividades promotoras de renda e do almejado progresso.

As relações citadas produzem os espaços imputando-lhe distintas contradições, visto que na cotidianidade o reduz a mercadoria, exercendo uma constante programação de hábitos direcionados a sua produção e consumo, nas palavras de Lefébvre (1980, p. 47) compõe uma “sociedade burocrática do consumo dirigido”. É desse modo que a estruturação do projeto de urbanização turística interfere na vida dos moradores intensificando os problemas econômicos, socioambientais e a segregação social. Tem-se a elevação dos custos com moradia, alimentação e lazer, proveniente da valorização dos espaços e do interesse no lucro elevado fomentado por gastos de turistas estrangeiros com moedas valorizadas no mercado. Nas relações trabalhistas o aumento da informalidade e cargas horárias intensificadas com baixas remunerações. Ainda, o afastamento dos moradores das áreas que foram “turistificadas”; entre outros (Fonseca & Alves, 2009).

Mediante quadros sociais como esse, favorecido pela imposição ideológica, no qual a população mais ampla está submersa e imobilizada pela restrição de acessos ao poder que domina a superfície é que o sociólogo Henry Lefébvre (1977), acredita que a reconstituição da história traz à tona os desencontros de possibilidades, de contradições não resolvidas e perspectivas não consumadas. E busca no passado um reencontro com o presente, para construir possibilidades futuras com o método materialista *regressivo-progressivo*.

Utilizaremos este método para compreender a emergência das transformações urbanas do espaço de Natal no início do séc. XX, ligadas a inserção da lógica capitalista de produção e fazer as conexões com o momento presente. Optamos pela interposição do Manoel Dantas, indivíduo privilegiado em seu *campo* – espaço social regido por leis próprias (Bourdieu, 1998).

Henri Lefébvre (1977) coloca que a realidade social é permeada por *complexidades* de ordens *horizontais* e *verticais*, no decorrer das sucessões históricas as persistências são “apagadas”, são naturalizadas e despercebidas pela sociedade. É na recuperação dessas persistências que atua a dupla complexidade, intrínseca a práxis humana e ao contraditório e fugídio campo do vivido. Nessas contradições estão os pontos de encontro que podem ser (re)transformados em possibilidades amparadas em bases diferentes daquelas de segregação, imposição e dominação cultural. O método inclui os estágios da apreensão histórica conforme ilustrado no quadro abaixo:



O quadro apresenta três momentos de compreensão histórica em que a realidade social deve ser percebida. O primeiro, envolve a descrição. O segundo, uma análise regressiva em que a realidade é apanhada e decomposta com o objetivo de uma datação. O terceiro momento é o de elucidação e explicação da realidade por intermédio do reencontro com o presente. Nele se descobrem as contradições sociais e históricas passíveis de serem criticamente problematizadas. Quando se descobre os limites dessa produção do real, tem-se em conta que o vivido não se reduz apenas a confrontos de interesses entre diferentes categorias. Além disso, tem sentidos obscurecidos pelas camadas do tempo que ao serem identificados favorecem os questionamentos sobre as suas construções, sanções e legitimações, podendo ser reconstruídos, repensados e reprojatados.

Em síntese:

1. O primeiro momento é a descrição do visível;
2. O segundo momento é o analítico – regressivo;

3. O terceiro momento é o de progressão histórico genético.

No esquema metodológico a noção de formação econômico-social está imersa em uma *dupla complexidade* - horizontal e vertical - da realidade social que identifica e recupera temporalidades desencontradas. A horizontalidade da vida social é reconhecida na descrição do visível (momento descritivo do método) e indica as diversidades espaciais das relações sociais. Com a horizontalidade, não se tem claramente o tempo das relações sociais, porém, na busca em datar cada uma dessas relações mergulhamos no momento analítico-regressivo – de complexidade vertical –, nele surgem as possibilidades de identificação do tempo de cada relação social, que se encontram simultaneamente com espacialidades, temporalidades desencontradas e coexistentes. O segundo momento do método dá a ver que o que parecia simultâneo é datado, tem épocas específicas, foi construído no interior das relações. No terceiro momento, histórico-genético, ocorre a volta à superfície. Nesse retorno elucidada-se o *percebido* através do *concebido* e define-se as possibilidades do *vivido*. E, na gênese dessas contradições está a gestação das virtualidades, o devir, o fluxo e a possibilidade de encontro com a diferença, pois é no começo de tudo que se percebe que há a diferença e não a igualdade, como muitas vezes imposta.

Os atuais espaços da cidade de Natal, se conformaram, concomitante, ao discurso do progresso que povoou as mentes dos gestores da cidade no início do século XX e permanece sendo utilizado, inter-relacionado à inserção do turismo com expectativas de alcançar uma ordem econômica pré-definida. A imputação do turismo na cidade favoreceu construções no campo econômico, social, cultural e político, no qual o apoio do Estado tem sido primordial. Estas, desembocaram no desejo de transformar a cidade em uma constante atração, cheia de divertimentos para conquistar o olhar do outro. A criação de uma cidade turística por intermédio de espaços concebidos, arquitetados física, social e culturalmente nortearam diferentes momentos para o agrado e o prazer fundado em mecanismos de produção de sujeição.

Para as conexões oferecidas pelo método *regressivo-progressivo* utilizamos os discursos sobre os espaços urbanos, traduzidos nas imagens de Natal fotografadas por Dantas e na conferência proferida por ele no ano de 1909, intitulada; *Natal D'aqui a cinquenta annos*, além de textos que escreveu no jornal *A República*. Assim como, outros textos publicados em jornais da época.

As fontes interpretadas com o método materialista *regressivo-progressivo*, “que de um lado busca restituir esse pensamento à sua integralidade e que de outro prolongá-lo e desenvolvê-lo em função do que há de novo depois de um século no mundo moderno” (Martins, 1996, p. 13) tem o intuito, nesse trabalho de alcançar a compreensão da produção espacial representada em torno das relações socioculturais promovidas por intermédio da universalização do modelo de civilização europeu sob a ótica de Dantas, representante de uma classe privilegiada no espaço em análise.

POR DOM OU AMOR A TÉCNICA? PAISAGENS EM PROJEÇÕES DE “NATAL D’AQUI A CINCOENTA ANOS”

Conhecido, também, pelo pseudônimo de Braz Contente, Manoel Dantas foi popularizado por causa da conferência, entusiasmada com o futuro da cidade, que realizou para 240 pessoas no Palácio do Governo em 21 de março no ano de 1909, *Natal D’aqui a cinquenta annos*. Expos uma projeção do que poderia vir a ser a cidade de Natal nos próximos 50 anos com a instituição do progresso^{ix} (Lima, 2000). O palestrante, com uma visão futurista, projetou Natal com paisagens modernas, valorizou o desejo de viver em uma capital civilizada, interconectada às principais cidades do mundo, com avançados meios de comunicação e transportes, uma cidade circunscrita pelo progresso e impulsionada pelo turismo.

Não foi vidência que o levou a descrever sobre o futuro da cidade, mas o fato de estar em diálogo com centros irradiadores dos padrões fundamentais de um *campo* ortodoxo em termos cultural, científico, econômico moderno, um centro irradiador das influências positivistas. Isso o legitimou como porta voz do esperado progresso (Bourdieu, 1998; 2004; 2007a; 2007b). O discurso de Dantas reproduz os ideais já projetados por grande parte da burguesia nacional que acreditava na técnica e na ciência aplicadas à sociedade, imaginário que passava a fazer parte dos *habitus* de uma classe (Bourdieu, 1998).

Dantas, é pouco lembrado em seu ofício de fotógrafo, porém registrava qualquer fragmento que lhe remetesse a elementos do progresso e pronunciava o futuro da cidade. Suas imagens aparecem nas publicações como documentário de um antes e depois da cidade, na maioria das vezes sem o crédito ao autor (Marques, 2012). Esse interesse pelo progresso, pelo desenvolvimento, pela ciência e pelas técnicas, fica evidente em sua produção fotográfica e em suas narrativas.

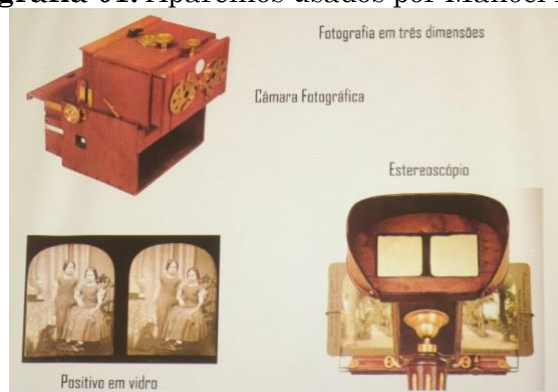
No início do século XX, existia uma camada de aficionados por fotografia entre os economicamente abastados. O uso do equipamento fotográfico, mesmo nos locais mais desenvolvidos, exigia investimentos elevados e esbarrava em problemas de ordem material. Essas dificuldades, só podiam ser superadas pelo capital econômico. O custo do equipamento e a carência de materiais fazia com que esses fossem armazenados como verdadeiras joias (Costa & Silva, 2004).

Muitas técnicas fotográficas que se desenvolviam na Europa eram lidas por Dantas nas literaturas em inglês e francês. Leituras que para o aspirante a fotógrafo eram primordiais, visto que os métodos utilizados para obter a fotografia exigiam conhecimentos especializados, principalmente da química. O fotógrafo Giovanni Sérgio comenta sobre a técnica utilizada por Manoel Dantas:

A fotografia é impressionante, é feita em uma caixinha, a câmara fotográfica é essa com dois visores e ele fotografava e colocava dentro da câmara aqueles vidros previamente sensibilizados com clara de ovo e nitrato de prata, ele fazia isso em casa, guardava em uma caixinha preta. Chegava no local que ele iria retratar, ele arrumava a câmara e fotografava, ele não tinha como ter a quantidade de imagens que a gente dispõe, era uma só. Teve a preocupação de registrar seu tempo para o futuro (Entrevista concedida à Marques, 2012, p. 93).^x

Ao contrário do que relata Sérgio, não foi objetivo de Dantas ter o passado como registro, mas registrar fragmentos do que ele acreditou ser o futuro. Giovanni Sérgio destaca que entre os norte rio grandeses, na época de Manoel Dantas, ele era o único possuidor do equipamento fotográfico (fotografia 01). Em função disso, agrupava em sua casa vários amigos e formava uma plateia para apresentar tudo o que fotografava. As reuniões contavam, também, com um aparelho óptico de projeção conhecido como lanterna mágica ou estereoscópio^{xi}.

Fotografia 01: Aparelhos usados por Manoel Dantas



Fonte: Arquivo particular de Giovanni Sérgio. Exibido no Encontro Fotoriografia do Norte: Conhecendo a nossa história, realizado em 18/08/ 2012

As fotografias além de revelar os aspectos sociais da elite, destacavam os diferentes meios de intervenção que foram sendo impostos em certos pontos da cidade. Dialogavam com referências urbanas e incentivavam os governantes a injetar o dinheiro público nas construções capazes de permitir os ritos de uma nova sociedade forjada à europeia. Dos desejos de intervenção urbana, ligado aos interesses locais e direcionados a atividade de lazer, havia uma ideia antiga de construir uma sala de espetáculos na cidade. Um local que servisse para abrigar os discursos políticos, as conferências dos ilustrados, eventos sociais particulares e, é claro, as apresentações artísticas. Contando apenas com improvisados galpões a classe burguesa ressentia-se da falta de um teatro (Marinho, 2011).

Nas palavras de Arrais (2008) o teatro agia como um poderoso instrumento na tarefa de regenerar a sociedade, a partir de uma pedagogia que forjava uma sensibilidade burguesa. Bem mais do que um prédio dedicado às artes, se vê a construção de um símbolo, com função didática de civilizar o olho humano, um objeto social que “flui do homem para o homem” com sentidos construídos nas relações sociais, que tornam-se teóricos em sua prática. Sua produção não se limita somente a oferecer um objeto material à necessidade, mas uma necessidade ao objeto material (Marx & Engels, 2012, p. 134-137).

Em 1898, iniciava-se a construção do teatro de Natal, o Carlos Gomes, que foi inaugurado em 1904 e passou por uma grande reforma iniciada em 1910, só possível graças aos empréstimos feitos no estrangeiro. A obra do teatro comprometia a metade do total de gastos do governo com as obras públicas. Não existiu uma oposição oficial à construção e

reforma do monumento moderno, ainda que no mesmo período a população sofresse as consequências de uma grande seca no estado, fato que levou uma grande quantidade de pessoas necessitadas a buscar auxílios sociais na capital. Apenas, o Diário de Natal – jornal de oposição ao governo – reunia, mais sob forma de picuinhas políticas, do que de denúncia social, algumas questões sobre desvios de verbas e nepotismos (Marinho, 2011).

Abaixo (fotografia 02), a imagem captada por Manoel Dantas, do ano de 1911:

Fotografia 02: Construção do Teatro Carlos Gomes (Atual Alberto Maranhão)

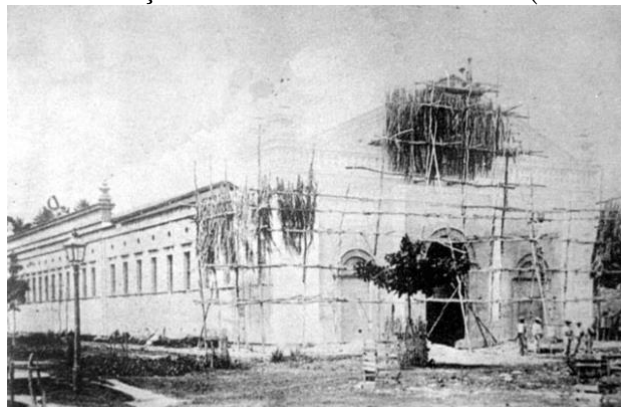


Foto: Manoel Dantas, 1911.

Fonte: Acervo de Jaeci Galvão, cedido para pesquisa de Marques, 2012.

Esse é o período em que o teatro passava pela reforma, quando sua fachada foi totalmente reconstruída. No luxuoso edifício em estilo neoclássico, os frequentadores podiam exibir seus trajes longe dos incômodos dos “incivilizados”, ao som das companhias líricas, vistas com maior nitidez, devido ao novo sistema de iluminação elétrica do prédio^{xii}. Em frente vislumbravam a praça ajardinada por Herculano Ramos (Arrais, 2011 *In* Marinho, 2011). A fotografia da obra de reconstrução do Teatro Carlos Gomes marca a presença das primeiras mudanças no corpo da capital potiguar. Sendo o teatro a representação dos novos lazeres e prazeres, fragmentado no espaço pela implosão de uma ordem distante. Na conferência: Natal d’aqui a cinquenta anos, Dantas vangloria os investimentos urbanos e cita a importância do teatro, dos cassinos e dos hotéis para abrigar os hóspedes e negociantes em visita à cidade:

“Nos hotéis e nos cassinos, teatros ao ar livre servidos pelo telephone e a photographia a distância, exhibem telas luminosas, as óperas e as outras peças de effeito que a esta mesma hora entusiasmam as casas de espectáculo de Pariz, Londres e Nova York. Não quer isto dizer que Natal só possua esta espécie de arte mecânica. Não! O “Theatro Carlos Gomes” reconstruido e augmentado sob os planos de um jovem architecto norte-rio-grandense que vem de conquistar o primeiro prêmio na Academia de Bellas Artes do Rio de Janeiro, tendo no vestibulo a estátua de Segundo Wanderley a guiar a barca da fantasia, empunhando o scetro da Arte sobre o pedestal da crença, é constantemente visitado pelas maiores celebridades artísticas, e a Opera uma joia da architectura num dos lados da praça Pedro Velho, é afamada nos grandes centros musicaes do mundo (Dantas, 1909, p. 12).”

O trecho da palestra constrói espaços imaginários, criando um horizonte de expectativas para a cidade de Natal transplantados da ideologia materializadora das paisagens, em que essas representam o palco urbano de circulação de pessoas e mercadorias, que determinam lugares sociais hierarquizados para seus frequentadores, inferiorizando outros espaços. O destaque aos hotéis e cassinos, o entusiasmo com as casas de espelhos projetam um discurso embrionário do turismo entre as manifestações urbanísticas, contudo menosprezam o próprio local, pois escapam sobremaneira a realidade da cidade, que só passa a ter energia elétrica, por exemplo, dois anos após a conferência, mas já era realidade nos grandes centros capitalistas.

O espaço que historicamente era considerado o berço da fundação de Natal, não possuía mais as estruturas arquitetônicas coloniais. O grande campo que servia de pasto para os animais e para brincadeiras de bola, foi substituído pela praça, que tinha seu requinte dado por um coreto, modelado com ferro fundido, possivelmente importado da Europa em razão da arte nouveau, de cunho inovador e vanguardista que utilizava novos materiais, como o vidro e o ferro e tinha inspiração na natureza com formas orgânicas valorizando-se o estilo floreado, ao mesmo tempo em que os porões serviam de depósito para armazenamento de material da limpeza urbana. Abaixo (fotografia 03), observa-se o coreto construído, na Praça André de Albuquerque, no Bairro da Cidade Alta. No lado esquerdo, está um dos prédios mais antigos da cidade o da igreja de Nossa Senhora da Apresentação.

Fotografia 01: Coreto em ferro fundido.



Foto: Manoel Dantas, provável: 1915.

Fonte: Acervo de Jaeci Galvão, cedido para pesquisa de Marques, 2012.

O antigo prédio da cadeia, que incomodava as cercanias da paisagem por sua arquitetura colonial, foi demolido em 1911, para favorecer o acesso à praça, representante moderna com função socializadora e estética de ordenação e embelezamento da cidade. É a introdução de um novo padrão visual:

Numa das extremidades, a estátua do Camarão, símbolo da impavidez do índio afrontando o conquistador, porém subjugado afinal pela civilização e pela fé. Na Cidade Alta, trava-se a luta da resistencia entre o passado e o presente. O aborigine quis oppor à invasão do progresso o dique de suas tradições; porém, dia a dia, as casas se transformam, as ruas se alargam, a vida circula, impetuosa, febril, dominadora. A Cidade Nova, com suas avenidas e seus parques sombreados, é o bairro da aristocracia, a cidade artística, onde a riqueza impressiona pelo luxo e o bom gosto das construções. Ao centro desse bairro, a praça Pedro Velho - o cérebro para onde convergem as manifestações da vida urbana - é dominada por uma estátua colossal do Gênio, subjugando com uma mão firme a hidra do mal e apontando com a outra para uma placa de cristal onde o Destino escreve esta legenda: - Façam o progresso que eu mantenho a ordem. (Dantas, 1909, p. 14).

As palavras afirmam o paradigma europeu vigente, todavia, nesses espaços, como o de Natal transfigura as estruturas coloniais nas aquisições, usos e projetos diante dos nossos elementos, mantem as estruturas impostas pela colonialidade como a condicionante da subalternidade dos menos favorecidos e, principalmente, dos povos originários com suas tradições apontadas em oposição as dinâmicas exaltadas.

A construção do coreto, desenha mais um local hierárquico, onde subirão os ilustres e acontecerão os eventos demarcados por poucos. Mais uma forma “de ver (de longe), contemplar (o que foi separado)”, por uma racionalidade de hierarquia espacial (Oseki, 1996, p.117). O coreto destaca-se num plano central com a condição de abrigar dentro de si as figuras de destaque. Uma maneira de restringir as formas ordinárias de agregação social, um espaço abstrato “repressivo por essência e por excelência, mas de uma maneira particularmente hábil” onde a repressão se “manifesta tanto pela redução, pela localização (funcional), pela hierarquização e pela segregação, como pela própria arte” (Oseki, 1996, p. 117).

Os hábitos que surgem a partir desses fixos, aportam-se no *concebido* pela classe burguesa, legitima-se e distingue-se dos hábitos populares. Todavia, o cotidiano constitui-se a partir do vivido, em lutas pelo uso (Seabra, 1996, p. 76). E, mesmo com o processo de modernização ganhando forças. A própria elite que o promovia ainda se deleitava com práticas coloniais como o entrudo, os fandangos, paus de sebo e pastoris, tidas muitas vezes como bárbaras^{xiii}. Para Dantas (1909), tudo isso representava, simultaneamente, uma visão da agonia do velho Natal e o nascimento de uma nova cidade, no qual narra “a cidade desperta do seu sono três vezes secular e eu sinto bem a alegria de ver que a estão vestindo de novo, para a alegria de uma vida nova”.

Um outro espaço estruturado que surge na paisagem de Natal, organizado internamente para a apreciação, consumo e aspiração por novas condições sociais traduzidos em imagens que despertavam o fascínio foi o cinema. Invenção artística e técnica genuinamente industrial que refletia os deslumbres culturais da modernidade europeia e que rapidamente se alastrou pelas américas, sobretudo nos Estados Unidos onde se constituiu como a fábrica de produzir sonhos. Erguida em Natal com o nome de Polytheama (fotografia 5), localizado na Praça Augusto Severo, no Bairro da Ribeira, a sala pertencia ao empresário Petronildo Gomes de Paiva, como nos afirma, em entrevista, Eduardo Alexandre Garcia, estudioso da história local e filho do escritor Alexandre Garcia. Garcia ainda acrescenta que:

Era um prédio amplo com dois salões: um de entrada e outro de bilhar, com decoração luxuosa, tendo espelhos de cristal. Atrás do primeiro salão havia uma área externa com mesas e plantas, que favorecia aos expectadores assistirem filmes tomando o sorvete e comendo chocolates. O outro salão era o de projeção com camarotes especiais para o governador e demais autoridades. O cinema foi inaugurado em 8 de dezembro de 1911, com banda de música, coquetéis e a primeira sessão garantida aos convidados gratuitamente (Marques, 2012, p. 144).^{xiv}

Fotografia 2: Cinema Polytheama (inauguração 1911) e loja Paris em Natal



Foto: Manoel Dantas, 1914.

Fonte: Acervo de Jaeci Galvão, cedido para pesquisa de Marques, 2012.

O cinema, vizinho à loja comercial *Paris em Natal*, traduzia-se em mais um dos fixos comerciais para a classe burguesa na paisagem da cidade, gerava circulação de pessoas, devido aos serviços e opções de entretenimento e interação que passaram a ser oferecidos, ampliava os desejos de ver e ser visto e se apropriar de símbolos que geram status. Chegou como mais uma técnica capaz de representar os avanços tecnológicos da modernidade em inícios do século XX.

Considerando os frequentadores do Cinema, o poeta Augusto Severo alude que “[...] as moças e senhoras de Natal se vestiam de melindrosa, usavam fitas de veludo no cabelo e um ‘pendentif’ no pescoço. Os rapazes usavam calças de flanela, paletó listrado com lenço no bolso e sapato de duas cores”. Essa afirmação denota a elitização dos costumes, das práticas, das vestimentas, do bairro, do cinema e do próprio grupo capaz de frequentar esse espaço (Souza, 2012 p. 46).

Dantas captou centenas de imagens, fortalecedoras das ideologias com as quais se identificava, que construía os capitais simbólicos e sociais de poucos; cada fixo inscreve na cidade o nome de alguns homens, famílias, ideias, técnicas, ordens e condutas que submete os indivíduos no processo de socialização. Eram espaços escolhidos, fragmentados, mínimos em um conjunto de amplas possibilidades que poderiam ter sido oferecidas aos indivíduos. As particularidades próprias da cidade expressas nas conversas, gestuais e cotidiano dos habitantes eram afastadas da cena, isso em prol da padronização vinda do exterior, da coerção e da ocupação dos “Senhores” que firmavam nos espaços suas marcas e as oficializava em detrimento de muitas outras histórias apagadas pelo tempo e pela memória.

123

CONSIDERAÇÕES E POSSIBILIDADES FUTURAS

Foram muitas as fotografias de autoria de Manoel Dantas, direcionadas às lógicas de sujeição da população em relação às imposições e comportamentos estruturados para os espaços públicos. Ao serem incorporadas na experiência imediata e sensível do espaço, a dialética apresenta-se em formas de insubordinações, porém, na maioria das vezes foram apagadas. As paisagens do cidadão comum, dos operários, dos pedintes, das prostitutas, dos cortiços são camufladas ante a ideia de civilidade que passa a classificar o que é deve ser visto ou descartado. O que passa a criar mecanismos sutis de construção de paisagens homogêneas, criando um sistema etnocrático onde o que não se encaixa no rosto da civilização é margeado. Sobre esse aspecto o argumento crítico de Eagleton (1997, p.21) é esclarecedor: “as pessoas ditas inferiores devem realmente ser ensinadas e aprender a sê-lo. Não é suficiente ser definido como uma forma de vida inferior é preciso, além disso, ensinar aos oprimidos a desempenhar ativamente esse papel.

As fotografias revelam as poucas vias amplas, sem pessoas. Não destacava-se nas cenas o cotidiano dos mestiços e trabalhadores, a diversidade corrompia a cena fotografada, criando uma rejeição ao pluralismo, o que desemboca no racismo estrutural. Os espaços eram preparados, ordenados e higienizados de seus habitantes. As pessoas quando aparecem, são distantes, apenas para passar ao espectador a aparência cosmopolita. Dantas não se acanhava em enterrar o passado e preparar a mente dos natalenses para a chegada da modernidade. Só que, contraditoriamente, foi com a conservação do passado em suas fotografias que deixou um dos seus maiores legados, os registros únicos das paisagens coloniais, circunscrita pelas condições histórica local. Visualidades que se sobrepõem às expectativas do fotógrafo, apresentam-se em linha tênue entre o desejo da ruptura com a tradição e a defesa do progresso e da modernização da capital sem os quais, o autor entendia que a cidade não poderia ser edificada como uma urbe sã.

Natal foi sendo particularizada em uma rede de discursos, instituição e enunciados políticos e científicos. Ideologia que se apropriou dos espaços, tecendo histórias, produzindo imagens e códigos de identidade. Nesse norte, o progresso e o turismo aparecem como superações de zonas consideradas de sombras, sendo cristalizados nos espaços construindo paisagens por meio de intervenções de modelos pré-estabelecidos e em favorecimento de poucos, o que afastou em muitos aspectos os moradores do local de uma realidade que os acolhessem e os valorizassem.

Quando Eagleton (1997) diz que se deve aprender a ser inferior, pensa no sentido de ser coagido a viver nos espaços demarcados, a entender os códigos que estão diante das visíveis e também invisíveis fronteiras sociais, que segregam os indivíduos nos espaços, sob pena de repressão. A participação popular nos locais públicos é afastada dos meios de comunicação, embora saibamos que ela existe e constrói múltiplas leituras dos espaços da cidade. Poucos são os indícios registrados da participação cotidiana de populares nos espaços, exceto pelas esporádicas crônicas ou em colunas policiais. Com isso, podemos suspeitar que as condutas impostas não foram compreendidas por todos harmonicamente e nem em um curto espaço de tempo, que as mudanças de hábitos foram processos lentos e com muitas resistências.

Nesses discursos, a relação com o turismo é de retroalimentação dessa lógica. Os elementos de apropriação do espaço com o processo de modernidade e de inserção do turismo modificam muito a arquitetura com melhoramentos da infraestrutura e embelezamento das paisagens, contudo, permanecem nas consciências e nas estruturas traços coloniais^{xv}. O progresso e o turismo enquadra os espaços com intervenções hierárquicas relativas a modernidade, negam as características locais e produzem as paisagens como se antes, o espaço fosse uma página em branco.

Em Natal, observamos como algumas paisagens foram inventadas por meio do poder e da consolidação de uma classe dominante, em sintonia com o progresso, a tecnociência, o turismo e o incentivo de uma urbe sã. Não há como julgas essas práticas como boa ou ruim, pertence ao processo burguês, urbano-industrial e mercantil. Se manteve inseparável à expropriação, não apenas do trabalho manual, das diferentes criações simbólicas fomentada por grupos que desde a colônia definiram lugares subalternos para os pertencentes ao espaço que lhes foi destituído.

As grandes mudanças se deram com o estreitamento dos espaços e a aceleração na circulação de mercadorias e dos indivíduos. As disputas nesses espaços foram travadas com “certo” silêncio dos que questionaram a ortodoxia. Essas disputas simbólicas resultaram em uma troca desigual dos capitais no interior da cidade, gerando muitas crises visíveis até a atualidade. E, para avançar na possibilidade de uma emancipação política, na libertação daquilo que nos oprime e que nos mantém apáticos é preciso que se desmistifiquem ideologias que mantêm os indivíduos enganados (Eagleton, 1991). Ou seja, míopes em sua própria realidade social.

No retorno, específico ao terceiro momento da metodologia proposta encontra-se a crise, ocasião efetiva para problematizar e investir todas as forças nas possibilidades do virtual, que também é a do real. Se faz imprescindível ouvir as vozes silenciadas, compreender os símbolos que foram erguidos nos espaços da cidade em detrimento dos que foram inferiorizados, ouvir as histórias ocultadas. Pensar, portanto, políticas sociais afirmativas e políticas culturais que reivindiquem a expressão da pluralidade e da potência criativa de diferentes grupos. Pensar políticas urbanas e arquiteturas que valorizem a diversificação, a arte e as dinâmicas majoritariamente marginalizadas. Favorecer paisagens turísticas, ou não, com sentido múltiplos e de privilégio as práticas comuns do cotidiano de diferentes grupos. Devemos nos afastar, como alerta a escritora Chimamanda Ngozi Adichie (2020), em sua conferência de 2009, do perigo de uma história única.

REFERÊNCIAS

- Arrais, R. (2006). Da Natureza à Técnica: A capital do Rio Grande do Norte no início do século XX, In: Fereira, Ângela Lúcia & Dantas, George (orgs). Surge et ambula: a construção de uma cidade moderna. Natal, RN: EDUFRN, p. 121-137.
- Arrais, R.; Andrade, A.; Marinho, M. (2008). O corpo e a alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930. Natal: EDUFRN.

- Arrais, R. (2009). O mundo avança! Os caminhos do progresso na cidade de Natal no início do século XX. In Bueno, Almir de Carvalho. (org). Revisitando a História do Rio Grande do Norte. Natal, RN: EDUFRN. p. 159-192.
- Benjamin, W. (2012). A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Volume I. 8ª ed. Editora: Brasiliense.
- Bourdieu, P. (1983). Gostos de Classe e estilos de vida. In: ORTIZ, R. (org.). Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo: Ática.
- Bourdieu, P. (1998). O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand.
- Bourdieu, P. (2004). Os usos sociais das ciências. São Paulo: UNESP.
- Bourdieu, P. (2007a). A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre, RS: Zouk.
- Bourdieu, P. (2007b). A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva.
- Chimamanda, A. N. (2020). O perigo da história única. Conferência realizado no programa TED Talk (Technology, Entertainment, Design) - Oxford, UK, 2009, Recuperado em 20 de agosto de: <https://youtu.be/EC-bh1YARsc>.
- Corbin, A. (2001). História dos tempos livres. Lisboa: Editorial Teorema.
- Costa, H.; Silva R. (2004). A fotografia moderna no Brasil. São Paulo: Cosac Naify.
- Daltozo, J. C. (2006). Cartão-Postal: arte e magia. Presidente Prudente, SP: Gráfica Cipola,
- Dantas, M. (1909). natal d'aqui a cincoenta annos. Natal, RN. Typographia d' "A República". 22 páginas. Labim, Laboratório de Imagens. Recuperado em 02 de março de 2021, http://www.repositoriolabim.cchla.ufrn.br/browse?type=title&sort_by=1&order=ASC&pp=40&etal=10&null=&offset=1458
- Dubois, P. (1993). O ato fotográfico e outros ensaios. Campinas: Papyrus Editora.
- Eagleton, T. (1997). Ideologia: uma introdução. São Paulo: Unesp/Boitempo.
- Ferreira, A. (2006). Uma Cidade Para o Futuro: O discurso do progresso na estruturação urbana de Natal, In: Ferreira, Â. L. & D, G. (orgs). Surge ET ambula: a construção de uma cidade moderna. Natal, RN: EDUFRN, p. 283-301.
- Kossoy, B. (2009). Realidades e ficções na trama fotográfica. 4ª edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- Krase, A. (2008) .Le Paris d'Atget. Köln, London, Los Angeles, Madrid, Paris, Tokio: Taschen,
- Lefévre. H. (1980). A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Editora Ática.
- Lefévre. H. (1991). O direito à cidade. São Paulo: Editora Moraes.
- Lima, P. (2000). O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manoel Dantas. Natal: Sebo vermelho.
- Marinho, M. M. F. (2001). Natal também civiliza-se: sociabilidade, lazer e esporte na Belle Époque Natalense (1900-1930). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal.

- Marques, S. K. (2012). Centelhas de uma cidade turística nos cartões-postais de Jaeci Galvão (1940-1980). Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal.
- Martins, J. S. (2009). Sociologia da fotografia e da imagem. São Paulo, Contexto, 2009.
- Martins J. S. (1996). Henri Lefèbvre e o retorno à dialética. São Paulo: Hucitec.
- Marx, K; Friedrich, E. (2012). A arte na sociedade de classes. In: cultura, arte e literatura – textos escolhidos. 2ª ed. São Paulo: Editora Expressão Popular.
- Miranda, J. M. F. (1981). 380 anos de história foto – gráfica da cidade de Natal 1599 – 1979. Natal, UFRN. ed. Universitária.
- Oseki, J. H. (1996). O único e o homogêneo na produção do espaço, In: Martins, J. S. Henri Lefèbvre e o retorno à dialética. São Paulo: Hucitec, 1996.
- Panosso Netto, A. (2010). O que é turismo. São Paulo: Editora Brasiliense. (Coleção primeiros passos, 341).
- Pires, M. J. (2001). Raízes do turismo no Brasil. São Paulo: Editora Manole.
- Quijano, A. (2005). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO.
- Seabra, O. C. L. (1996). A insurreição do uso, In: Martins, J. S. Henri Lefèbvre e o retorno à dialética. São Paulo: Hucitec.
- Sérgio, G. (2012). Conhecendo a nossa história. In: Encontro Fotoriografia do Norte, Associação Potiguar de Fotografia. 18 de agosto de 2012, no auditório do IFRN, Cidade Alta, Natal, RN.
- Sevcenko, N. (2003). Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Souza, A. G. C. (2012). O Bairro da Ribeira como um palimpsesto: dinâmicas urbanas na Cidade de Natal (1920-1960). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Williams, R. (1979). Marxismo e literatura. Rio de Janeiro: Zahar editores S.A.

Nota - Trabalho apresentado no XVII Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo (ANPTUR) no ano de 2020.

¹ Doutora em Ciências Sociais (UFRN), com estágio doutoral (sanduíche) na University of Washington (USA). Professora Adjunta do Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/ Campus São Bernardo. E-mail: sylvana.kelly@ufma.br

- ii Pós-doutorado pela University of Cambridge; Doutor em Sociologia (USP). Professor do Departamento e do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. E-mail: gsfz@hotmail.com
- iii Pós-doutorando em Sociologia e Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do estado do Paraná. E-mail: luizdemetrio10@gmail.com
- iv Pós-doutorado pela University of Roehampton, UK; Doutora em Sociologia (USP). Professora no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e em Turismo – PPGCS e PPGTUR – na Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN. E-mail: mluciabastos29@gmail.com
- v O anúncio de Bruno Bougard, no ano de 1897, oferecendo seus serviços como fotógrafo é repetido em 55 edições do jornal Diário de Natal. Só parando, quando o fotógrafo informa um período de afastamento da capital, que duraria até o final do ano corrente. Conforme nota do Diário do Natal o fotógrafo retorna em 29 de dezembro de 1898, data do anúncio no jornal, p.02.
- vi Dantas e Bougard viveram praticamente na mesma época, em Natal os grupos abastados frequentavam o mesmo ambiente, Bougard fotografou para Albuquerque Maranhão com quem Dantas mantinha relações, por esses indícios acreditamos em algum tipo de relação estabelecida entre esses homens para trocas sobre a fotografia.
- vii Jornal Diário do Natal, nº 3489, 18 de julho de 1908, Leopoldo Souza sobre a Exposição Nacional de 1908.
- viii Idem.
- ix Trabalhos acadêmicos sobre a vida e obra de Manoel Dantas: O grupo de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em História da UFRN, orientados pelo Professor Dr. Raimundo Arrais, tem dado atenção especial à história de Manoel Dantas, em seus mais variados âmbitos. No departamento de Arquitetura e Urbanismo da mesma instituição merece destaque as publicações do Professor Dr. Pedro de Lima, que se detém principalmente à Conferência de 1909 e suas relações com construção da cidade moderna. Nesse sentido, existem ainda livros relacionados à palestra de 1909, publicações com apoio da prefeitura, artigos de revistas e jornais.
- x Entrevista concedida a autora Sylvana Marques, por Giovanni Sérgio em evento com formato de palestras organizadas pela Associação APHOTO. Conhecendo a nossa história. In: Encontro Fotografiografia Do Norte, Associação Potiguar de Fotografia. 18 de agosto de 2012, no auditório do IFRN, Cidade Alta, Natal, RN. 1 arquivo MP3 (20min.), In: Marques, 2012, p.93.
- xi O estereoscópico foi um passatempo popular entre as classes abastadas em inícios do século XX. Era moda a coleção de pares de fotos para a observação em três dimensões. A tomada das fotografias simultaneamente com afastamento similar aos olhos humanos propiciava a representação da imagem com a sensação de profundidade tridimensional.
- xii Ver: Theatro Carlos Gomes. Jornal *A República*, Natal, 19 de junho de 1912.
- xiii Marinho, Márcia Maria F. Novos espaços, novas diversões: lazer e convívio numa Natal moderna (1982- 1914). 2005. Monografia apresentada ao programa de história da UFRN.
- xiv As informações foram cedidas em entrevista oral à Sylvana Marques por Eduardo Alexandre Garcia em 26/01/2014. Disponível em Marques, 2012, p. 144
- xv Para maior compreensão do padrão de inserção da modernidade nos mundos colonizados ver Quijano, 2005.